

Emily Dickinson e o misticismo medieval

Angela Conrad, *The Wayward Nun of Amherst: Emily Dickinson and Medieval Mystical Women*, New York, Garland, 2000, 164 pp.

A obra de Emily Dickinson tem sido frequentemente lida em função das posições religiosas da escritora, nunca consensuais, sempre contraditórias. Perfilhe ela uma perspectiva católica, protestante, calvinista, anti-calvinista, puritana, crente, céptica, existencialista ou mística, é incontornável o fascínio de Dickinson pelas questões religiosas, que, de resto, permeiam grande parte da sua poesia.

George F. Whicher, em *This Was a Poet: A Critical Biography of Emily Dickinson* (1938), foi um dos primeiros críticos a ligar a poesia de Dickinson ao misticismo, ainda que sem definir com rigor a natureza do termo. Desde então, muitos outros têm tentado codificar a perspectiva religiosa dickinsoniana, e é na esteira de estudos como os de Beth Maclay Doriani, *Emily Dickinson Daughter of Prophecy* (1996) ou de Jane Donahue Eberwein, "Emily Dickinson and the Calvinist Sacramental Tradition" (1996), que surge o mais recente trabalho de Angela Conrad, com a particularidade de ser um estudo comparativo entre a vida e a obra da poeta norte-americana e os escritos devotos das místicas medievais, mulheres católicas monásticas e leigas dos séculos XII, XIII e XIV.

Em *The Wayward Nun of Amherst: Emily Dickinson and the Medieval Mystical Women*, que convoca para o título um conhecido verso da poeta, Conrad procura aproximar a imagem dickinsoniana da freira caprichosa ou desobediente ("the wayard nun") ao percurso de escritoras místicas da Idade Média como Hildegard von Bingen, Gertrude von Helfta, Metchild von Magdeburg, Hadewigch von Antwerpen, Caterina da Siena, Julian of Norwich e Margery Kempe, mulheres que se notabilizaram pelas suas misteriosas visões de Deus. Note-se que o objectivo de Conrad neste estudo não é o estabelecimento de influências literárias, pois dificilmente Dickinson terá tido acesso aos escritos destas místicas medievais. A autora pretende antes mostrar como experiências paralelas inspiram percepções similares.

Assim, Conrad começa por estabelecer uma tradição medieval, a partir da análise de textos das visionárias da Idade Média que, sendo sobretudo autobiográficos, lhe permitem explorar a visão de cada escritora sobre si mesma, o entendimento da sua relação com Deus e as diferentes descrições da experiência extática, porque directa, do Divino. Neste contexto, Conrad sublinha três componentes essenciais, que intimamente se relacionam: a feminilidade, o excepcionalismo espiritual e a auto-expressão. O papel sexual das escritoras é um factor determinante, dado que é a causa ou

o estímulo para as suas vidas visionárias. Limitadas na sua condição de mulher, essas escritoras encontram frequentemente no excepcionalismo espiritual uma estratégia de acesso à autoridade para as suas vozes visionárias. Como explica Conrad, "one of the results of combining visions of the Lord with writing is to increase the authority of the writer's voice" (144). Ao reclamarem o contacto divino, contornam a necessidade de se cingirem a limites mais apropriados, pois a vida extática santifica e eleva a sua mensagem, independentemente do modo como esta desafia o *status quo*. O resultado é a auto-expressão sem limitações em relação a tema ou conteúdo.

Dadas as restrições colocadas à expressão artística e espiritual das mulheres, tanto na Europa medieval como nos Estados Unidos do século XIX – um período que encoraja mas também delimita estritamente a expressão literária da mulher, através de um conjunto de constrangimentos culturais que marginalizam a livre expressão da sua interioridade, algumas escritoras recorrem a uma pose hiberbólica de auto-depreciação ou mesmo de auto-negação, justificando a sua voz feminina de poder e paixão na ligação ao Divino. Como nota Conrad, "[i]n seeking sacrifice and pain – and by the way, the bliss that accompanies it – mystical women of both epochs buy themselves a license to want, to desire ardently and to work aggressively to achieve something" (79). A iluminação espiritual e o caminho da revelação evitam, assim, desafiar a estrutura de poder masculina e, consequentemente, conferem a estas mulheres liberdade de expressão. É esta vantagem literária proporcionada pela atitude mística que Conrad procura retrair em Dickinson: ao equacionar a sua voz com a revelação do Divino, a poeta transforma aprisionamento em liberdade, castidade em erotismo e obediência total em liberdade.

Para além do paralelo mais óbvio entre as opções de vida das visionárias medievais e a reclusão de Dickinson, marcada também no caso da escritora norte-americana pelo uso do vestido branco (aqui tomado como símbolo de castidade porque associado ao hábito monástico das noivas de Cristo), Conrad destaca ainda a correspondência de temas que, dentro dos vários motivos bíblicos, todas desenvolveram em comum. Em primeiro lugar, o recurso à metáfora da noiva, que as distingue do misticismo masculino, pois se os visionários procuram o entendimento de Deus através de uma teologia abstracta, aquelas buscam antes a união com a figura divina. E como para isso devem ser merecedoras de Deus, a retórica de humildade é outro tópico comum, permitindo-lhes transformar abnegação em orgulho e poder divino. Também o tema da renúncia é omnipresente, quer em relação ao casamento, à bebida, à comida ou a qualquer um outro nível de ascetismo, sacrifício e sofrimento. Isto será um outro modo de ler o que Joan Burbick designa por "economia de desejo", em "Emily Dickinson and the

Economics of Desire" (1986), ou seja, o equacionar do desejo através de tropos económicos que determinam o seu próprio valor, e que será bem desenvolvido em poemas que versam a pobreza e a riqueza, a perda e o ganho, e que determina as relações dor/prazer e fé/dúvida, outros dois temas que estas escritoras exploram em comum.

Dentro deste contexto de desejo, Angela Conrad contrasta, ainda, a relação com o Deus multivalente do domínio místico e as relações amorosas que se atribuem a Dickinson. A experiência extática das místicas medievais, que é sempre corporal, encontra paralelo nas conotações eróticas de alguns poemas de Dickinson como "A Wife – at Daybreak I shall be –", em que a perda da virgindade é equacionada nos seguintes termos: "At Midnight, I am but a maid, // Then – Midnight, I have passed from thee/ Unto the East, and Victory –". Papéis como os de esposa, noiva, filha ou mãe, marcam a natureza destes momentos de transcendência e, sendo a experiência sobrenatural marcada pelo êxtase, isto é, a "saída" do corpo e da alma, todas elas recorrem, também, à metáfora, ao símile e à analogia para descrever os efeitos psicológicos provocados, desde os estados de embriaguez à confusão mental, passando pela súbita dor ou euforia.

A estes motivos coincidentes entre o universo dickinsoniano e o medieval, Angela Conrad acrescenta ainda outros, como o facto de todas estas escritoras utilizarem a mesma forma poética (pois a densidade que a poesia permite serve melhor a intensidade das imagens e metáforas utilizadas e o poder das experiências extáticas); de recorrerem ao uso de cartas; de fazerem circular os textos em manuscrito; de os compilarem em fascículos; de não escreverem como meio de sustento e de serem frequentemente associadas com a loucura – espiritual (mística) ou criativa (artística). Contudo, não é sem alguma reserva que a comparação deve ser feita, pois, como também Conrad reconhece, "Emily Dickinson ascends the steps of the bridge of faith, as she does everything else, her own way" (85). De facto, a fé em Dickinson não significa a fé na Igreja, e a sua relação com Deus também se reveste de contradições e ambivalências. Dickinson rejeita a instituição, liga o seu misticismo à natureza (numa atitude próxima do transcendentalismo emersoniano) e tem como prioridade a expressão *do* divino e não *no* divino, pois o seu compromisso é para com a arte.

Em rigor, e é nesse ponto que o estudo de Angela Conrad se revela mais limitado, o lado subversivo de Dickinson destaca-se muito mais do que a sua atitude pia ou mística. Do mesmo modo que os escritos da Igreja medieval apresentam a mulher como sendo ou a Virgem Maria Imaculada ou a tentadora profana – a Eva, que conduz os homens ao mal –, também em Dickinson estas duas figuras coexistem. Apesar de ostentar por vezes uma pose de aquiescência, momentos há em que Dickinson questiona a noção de

Deus como ente superior e benevolente e, sobretudo, a limitação reservada à mulher pela Bíblia, um livro onde se fala da salvação dos homens, mas não da das mulheres. Portanto, e apesar de todo o interesse que um estudo desta natureza oferece, não deve ser esquecido que Dickinson cedo descobriu o prazer do lado mais pecaminoso do ser, ao mesmo tempo que se dá conta das restrições impostas à mulher. Mais do que "nun", ela é "wayard", encontrando na subversão a sua maior arma face a uma restrição cultural que cedo reconhece e confessa, em carta, a uma amiga – "I have lately come to the conclusion that I am Eve, alias Mrs. Adam".

Marinela Carvalho Freitas

>>